

Leandro de Barros-1

Lilian Ribeiro Antonio-2

Bruna Ferraz Braga-3

Patrícia Del Nero Velasco-4

1-Universidade Federal do ABC

2-Universidade Federal do ABC

3-Universidade Federal do ABC

4-Universidade Federal do ABC

O presente trabalho é parte de um projeto realizado nas terceiras séries do Ensino Médio pela equipe PIBID-Filosofia/UFABC na E. E. Oscavo de Paula e Silva, composta pelos alunos bolsistas Bruna Ferraz Braga, Lilian Ribeiro Antonio, Lucas Dorado de Lima e Márcio Tokuiti Nomura e pelo professor supervisor Leandro de Barros. Trata-se do relato da experiência pedagógica de incentivar nos alunos o exercício do pensamento crítico e da argumentação através de um Campeonato de Debates.

Atualmente é bastante comum nos depararmos com discursos que, embora esteticamente agradáveis, não possuem o aval da lógica e incorrem, portanto, em falácias:

Falácias (num sentido amplo) são erros que ocorrem nos argumentos e que afetam sua irrefutabilidade. Em latim, o verbo fallere significa “falar”. Argumentos falaciosos são enganosos, pois parecem ser, superficialmente, bons argumentos. Contudo, o engano não é uma condição necessária de uma falácia, da maneira que este termo é aqui empregado. Sempre que raciocinamos inválida ou irrelevantemente, ou seja, aceitamos premissas que não deveríamos, ou não fazemos uso adequado dos fatos relevantes à nossa disposição, cometemos uma falácia. (NOLT; ROHATYN, 1991, p. 344-345)

Para a finalidade da atividade desenvolvida no âmbito do PIBID, considerou-se falácia como um argumento ou raciocínio falho. Sobre a falibilidade dos argumentos, apoiamos-nos em Velasco (2010, p. 116):

Dentre as falhas possíveis de um argumento está a invalidade. Logo, aos argumentos que são inválidos dá-se o nome de falácias. Neste caso, diz-se que são falácias formais, visto que a invalidade depende, entre outros fatores, da identificação da forma

lógica. Chamam-se também falácias formais os argumentos válidos que contém premissas falsas [...]. Destarte, pode-se simplesmente dizer que uma falácia formal é um argumento logicamente incorreto [...].

Não obstante, há argumentos falaciosos que não dependem da forma lógica, ou seja, argumentos que são errôneos ou incorretos sob uma perspectiva não-formal, não-estrutural. Por conseguinte, estes argumentos não demandam que conheçamos regras de validade definidas em algum sistema lógico.

Para o propósito do Campeonato de Debates, restringiu-se o estudo das falácias às não formais, justamente porque a avaliação destas prescinde do conhecimento prévio de regras lógicas formais, as quais não seriam trabalhadas com os alunos. Interessou-nos primordialmente os equívocos de raciocínio encontrados nas falas políticas, propagandas de produtos, ou mesmo no popular “papo-furado”. Se disserem, por exemplo, “Marcela é uma ótima administradora, mas todos sabem que ela abortou uma criança, portanto não podemos confiar a ela o cargo de diretora” estaremos utilizando uma falácia, pois o fato de Marcela ter feito um aborto não tem conexão lógica com a eficiência de seu trabalho como diretora de uma empresa, ou seja, a conclusão não deriva da premissa.

Tomamos também como base o que afirma SEVERINO (2010, p. 66):

A contribuição que se espera da Filosofia na formação do adolescente no Ensino Médio encontra-se no desenvolvimento intelectual que o subsidie na resignificação de sua experiência existencial, rumo à condição de autonomia do sujeito pessoal, apto assim a bem conduzir sua vida, no seio da

polis, como cidadão pleno.

Logo, nós, na condição de futuros professores de filosofia, nos colocamos com a responsabilidade de trabalhar o papel do aluno como cidadão e, para tal, propusemos o desenvolvimento das ferramentas que ajudarão o mesmo a interpretar a dinâmica do mundo em que vive, e a transmitir aquilo que pensa com clareza e concisão. Para tal, realizamos não só o estudo das falácias, mas de outros conceitos envolvidos na prática argumentativa, como premissa, conclusão, inferência e argumento. Após a parte teórica relacionada às técnicas argumentativas, propusemos uma atividade denominada Campeonato de Debates, a fim de praticar as técnicas previamente ensinadas.

Comumente o debate é visto como um modo de “encontrar através do raciocínio coletivo, soluções aceitáveis para problemas colocados em discussão” (CRISTOVÃO; DURÃO; NASCIMENTO, 2003, p. 1437); entretanto, este não é o objetivo da atividade proposta. Nosso objetivo não é forçar o aluno a formar uma opinião sobre os temas trabalhados, mas torná-lo apto a avaliar de maneira autônoma as informações com as quais entra em contato, bem como as suas próprias ideias, incentivando-o a transmiti-las de maneira objetiva e sem contradições lógicas. Ele busca apenas o exercício das técnicas de argumentação e da identificação de falácias, mostrando aos alunos que, mesmo que bonito, muitas vezes o discurso pode não possuir coerência lógica ou compromisso com a verdade. Assim, o aluno na posição de cidadão, poderá identificar estes discursos falaciosos e discernir o que há de coerência e correção em diversas informações com as quais ele entra em contato em sua realidade.

Apesar de focado na técnica, sem influência da opinião do aluno, o Campeonato de Debates não deixa de fomentar a conceituação, pois a cada rodada é necessário fazer reformulação de seus argumentos, além de ouvir os argumentos da oposição. Assim, durante a rodada ocorre a resignificação das ideias, ao passo que o aluno cria sua própria visão sobre a temática discutida, mesmo que este esteja defendendo a tese oposta.

Sobre a dinâmica do Campeonato: são formados grupos de até seis alunos que se organizam arrumando as mesas em forma de bancadas, colocando uma mesa no meio das duas equipes para que sirva de púlpito. Em seguida, o professor coloca na lousa uma moção sobre o tema escolhido e previamente pesquisado pelos grupos. A moção é a questão que deverá ser defendida ou refutada pelas bancadas, que pode ser, por exemplo: “O aquecimento global é culpa do homem?”. Isso feito, é sorteada uma

posição – sim ou não – para cada equipe.

É dado o tempo de dois minutos para que cada bancada discuta com seus membros a estratégia e os argumentos que serão usados na defesa de sua posição. Ao fim, um representante da primeira equipe deve se dirigir ao púlpito e expor seus argumentos no tempo limite de um minuto. Em seguida, o orador da oposição deve fazer o mesmo. São duas rodadas por campeonato, cada uma com três falas, sendo na primeira delas, permitida duas falas da primeira bancada e uma da segunda; e na segunda rodada, o inverso, totalizando assim três falas para cada bancada. Entre uma rodada e outra é concedido um tempo de dois minutos para a reformulação da estratégia.

Os argumentos das bancadas são julgados pela mesa, representada pelos alunos bolsistas da equipe PIBID, enquanto o professor supervisor calcula o tempo e media o debate, controlando eventuais abusos (os quais serão em breve aqui definidos). Os atributos calculados individualmente na pontuação são Conhecimento – o que o aluno demonstra saber sobre o assunto e que de fato condiz com a realidade, Coerência – a pertinência lógica do argumento, e Postura – uso correto da língua portuguesa, sem o uso de gírias, regionalismos e palavrões, bem como a postura corporal do orador ao falar; cada um deles valendo até cinco pontos. Ao final das duas rodadas, é calculada a soma dos atributos de todos os oradores da bancada, e decidido o vencedor do campeonato.

Além das bancada e mesa, também está presente no debate a audiência, que é formada pelas demais equipes que não estão participando como atores do debate no momento. Esta está autorizada a realizar ações como aplaudir e vaiar, mas apenas nos momentos adequados, de modo a não ser inconveniente (aplaudir em volume maior que a fala de um orador, por exemplo).

Como já mencionado, o professor e a mesa são responsáveis por controlar e avaliar eventuais abusos, os quais são definidos como: qualquer ação por parte da audiência e bancada que possa ser ofensiva como violência física, violência oral, uso de expressões grosseiras e interrupção da fala dos oradores. Diante de qualquer uma destas ações a mesa tem o direito de eliminar participantes do Campeonato.

O Campeonato de Debates, que vem sendo aplicado desde o segundo bimestre de 2012 na Escola Estadual Oscavo de Paula e Silva, tem mostrado ótimos resultados, embora não fosse assim desde o início. Nas primeiras aplicações os alunos mostraram não compreender a real intenção do debate, que é

praticar técnicas de argumentação através da defesa de uma tese sorteada, ou seja, que independe de suas opiniões e valores pessoais. Além disso, houve muita dificuldade no que diz respeito ao tempo de cada debate: perdíamos tempo tentando arrumar a sala de aula e tentando fazer os alunos compreenderem as regras.

Sendo assim, na primeira tentativa de realização do Campeonato de Debates, não conseguimos fazer o que havíamos planejado: o campeonato interclasses. Atualmente, na metade do terceiro bimestre, já estamos diante das semifinais e a caminho do interclasses, a qual será filmada e contará com a presença de todos os bolsistas da escola e da professora coordenadora do Subprojeto Filosofia da UFABC, Patrícia Del Nero Velasco. Serão entregues três tipos de certificado, um para os vencedores de classe, um para os vencedores do interclasses, e outro para os demais participantes. E além dos certificados, os vencedores e vices também receberão um prêmio: chocolates.

Diferentemente do que ocorreu nas primeiras tentativas, nos campeonatos atuais os alunos já estão acostumados com a atividade, e até mesmo adiantam a organização das bancadas antes do professor entrar em sala. Diante desta e de outras atitudes, notamos um maior interesse da parte dos alunos e, através da crescente melhora na qualidade dos argumentos, podemos afirmar que o Campeonato de Debates se configura como uma alternativa viável às aulas convencionais no que se refere à prática argumentativa e à contribuição do professor de filosofia à formação do aluno como um cidadão crítico.

Referências bibliográficas:

- CRISTOVÃO, V.; DURÃO, A.; NASCIMENTO, E. Debate em Sala de Aula: práticas de linguagem em um gênero escolar. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003 (1436-1441).
- NOLT, J.; ROHATYN, D. Lógica. Tradução de Mineko Yamashita; revisão técnica de Leila Zardo Puga. São Paulo: McGraw-Hill, 1991. – (Coleção Schaum)
- SEVERINO, A. J. Formação política do adolescente no Ensino Médio: contribuição da Filosofia. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p.57-74, jan./abr. 2010.
- VELASCO, P. D. N. Educando para a Argumentação: contribuições do ensino da lógica. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. – (Coleção Ensino de Filosofia)

Área: Filosofia; Educação

Palavras-chave: Lógica, Argumentação, Educação, Debate.